

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS



DENISE PEREIRA  
JANAÍNA DE PAULA DO ESPÍRITO SANTO  
(ORGANIZADORAS)

**Atena**  
Editora  
Ano 2020

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas ciências humanas

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S115 Saberes tradicionais e conhecimentos científicos nas  
ciências humanas 1 [recurso eletrônico] /  
Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do  
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-304-0

DOI 10.22533/at.ed.040201908

1. Antropologia. 2. Ciências humanas. 3. Etnologia. I.  
Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Uma tradição, normalmente, pode ser definido como aquilo que se faz por hábito, um legado passado de uma geração para outra. Embora o historiador Hobsbawm tenha chamado atenção em uma obra bastante reconhecida entre historiadores de que as tradições, de maneira geral consistem em retomar “passado histórico apropriado”, em que o senso de continuidade ocupa um valor e uma necessidade centrais, e que, para isso, muitas vezes os diferentes grupos se constituem em torno de falsas noções de continuidade, ou seja, as tradições, podem, muitas vezes serem inventadas, a expressão saberes tradicionais traz consigo um elemento mais amplo do que a noção de continuidade a que nos referíamos acima.

Usualmente, a ideia de saber tradicional é usada para marcar um conjunto de noções e práticas que permeiam as sociedades e grupos e são ligadas, por exemplo, ao reconhecimento de propriedades de plantas, consensos e práticas sociais comuns, valores norteadores que parecem pertencer a uma realidade atemporal, ou seja, estiveram sempre presentes e são reconhecidas por um grande número de pessoas sem ter passado pelo espaço de “validação científica”, que nesse caso, significaria o crivo do método usado pela ciência para chegar em suas conclusões. Isso não significa, que, nos dias atuais não se possa falar de uma espécie de «terreno comum» em que se estabelece um diálogo, uma espécie de entendimento entre as esferas do conhecimento tradicional e do conhecimento contemporâneo, técnico e científico.

Essa troca existe, e é bastante presente, ainda que, nem sempre, essas esferas sejam consideradas de maneira equivalente, uma vez que a “ciência” acaba prevalecendo. Em ciências humanas, nos últimos anos, esse debate se fez cada vez mais presente, dado que o registro, o resgate e o entendimento desses saberes tradicionais sempre esteve na pauta, de uma maneira ou de outra, de seu campo de pesquisa. Nesse caso, o sentido de incompatibilidade não se faz tão presente como em outras tradições científicas. Ainda assim, tem se construído cada vez mais o entendimento de que esse resgate e a ideia de que os saberes tradicionais devam ser pesquisados e referidos, junto com eles chama-se a atenção para que os valores de justiça social, participação popular e sustentabilidade estejam sempre presentes e cada vez mais na pauta do processo de construção dos saberes. Assim, para além de base e fonte, se entende, nas ciências humanas, que há que se dar voz ao saber tradicional, e que o diálogo deste com o conhecimento científico constitui-se enquanto riqueza e multidimensionalidade do mesmo.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira

Janaína de Paula do E. Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A MOBILIZAÇÃO DE PAIS E RESPONSÁVEIS PARA PARTICIPAÇÃO EFETIVA NOS CONSELHOS ESCOLARES	
Débora Paula Martins da Silva Lenise Patricia de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>7</b>
A PSICOPEDAGOGIA E A NEUROPSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DA APRENDIZAGEM COMO FERRAMENTA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
Nivaldo Emídio Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>16</b>
BEM-ESTAR E MAL-ESTAR DOCENTE: UMA ANÁLISE DAS PESQUISAS PUBLICADAS ENTRE 2015 E 2018	
Karolina da Silva Riquelme Flavinês Rebolo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
EDITH STEIN: UMA ANTROPOLOGIA INTEGRAL COMO FUNDAMENTO PEDAGÓGICO	
Vitor Vinícios da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>36</b>
ESCREVENDO A DANÇA: MEMÓRIA, ARTE, ENSINO E CIÊNCIA	
Ana Lígia Trindade Patrícia Kayser Vargas Mangan	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>42</b>
FILOSOFIA: QUEM É A MULHER NESSE CONTEXTO?	
Brasilina Bento da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019086</b>	

<b>CAPÍTULO 7.....</b>	<b>53</b>
FORMAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS: O QUE PENSAM OS FUTUROS PROFESSORES?	
Janaina de Azevedo Corenza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019087</b>	
<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>65</b>
LEITURA NA ESCOLA: UM ESTUDO COMPARATIVO	
Rosely Ribeiro Lima	
Valéria Ribeiro Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019088</b>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>74</b>
MUSEU E ESCOLA, CONSTRUÇÃO COLETIVA PARA A PERMANÊNCIA DA MEMÓRIA, COM ÊNFASE NA FUNÇÃO DO OBJETO MUSEAL	
Maria Augusta de Castilho	
Maria Christina de Lima Félix Santos	
Melly Fátima Góes Sena	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0402019089</b>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>85</b>
O CONCEITO DE IMAGINAÇÃO EM VIGOTSKI	
Thais de Sá Gomes Novaes	
Letícia Maria Montoia Gonçalves	
Letícia Busquim Pereira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190810</b>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>91</b>
PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA	
Talita Maria Soares da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190811</b>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>102</b>
POLÍTICAS EDUCACIONAIS E OS PRESSUPOSTOS DE STEPHEN BALL	
Taiani Vicentini	
Adolfo Ramos Lamar	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190812</b>	

<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>110</b>
<b>VOZES EM DISPUTA: EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA E PARTICIPAÇÃO</b>	
Suelen Alves dos Santos	
Leônidas Daniel Paulino	
<b>DOI 10.22533/at.ed.04020190813</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>122</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>123</b>

# CAPÍTULO 11

## PEDAGOGIAS QUE CURAM COM OS/ AS PESCADORES/AS ARTESANAIS DE ITAPISSUMA

Data de aceite: 01/08/2020

**Talita Maria Soares da Silva**

Universidade de Coimbra

Coimbra - Portugal

<http://lattes.cnpq.br/4264233358370912>

**RESUMO:** Este artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado em Educação sobre a comunidade de pescadores/as artesanais de Itapissuma/PE, que visa compreender como esses povos constroem estratégias para combater as exclusões radicais que experienciam. Dessa forma, a pedagogia a que é feita alusão neste trabalho não está circunscrita nas construções escolares, mas suja de lama, de suor, de sofrimento, de criatividade, dos cheiros dos manguezais. Através dos registros das lutas, das formas de existir e de resistir dos pescadores/as artesanais de Itapissuma/PE, contribui-se para a construção de uma história pedagógica transgressiva e não colonial. Para a concretização deste estudo, mobilizamos as metodologias pós-abissais das epistemologias do Sul, que se caracterizam por três premissas: i) construir conhecimento que possa ser utilizado nas lutas sociais, articulado aos conhecimentos artesanais, híbridos, populares; ii) promover o diálogo entre os conhecimentos artesanais e os conhecimentos científicos; e iii) construir a ecologia de saberes a partir da interlocução desses diferentes conhecimentos (SANTOS, 2019b). Este estudo contou com observação participante e entrevistas etnográficas com um grupo de treze pescadores/as artesanais da comunidade pesqueira de Itapissuma, que

estão identificadas por E1, E2, E3 e E4. Nessas entrevistas os nomes de nascimento foram substituídos por outros, escolhidos pelos/as próprios/as pescadores/as.

A partir da coleta e análise das informações compiladas, buscou-se produzir uma proposta original de sistematização da forma singular como essas pessoas constroem estratégias de luta contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conhecimentos artesanais, lutas, educação.

### PEDAGOGY OF HEALING WITH ARTISANAL FISHERS FROM ITAPISSUMA

**ABSTRACT:** This paper is part of a doctoral research in Education on the community of artisanal fishers in Itapissuma/PE, which aims to understand how these people build strategies to oppose the radical exclusions they experience. Thus, the pedagogy referred to in this work isn't limited to school buildings, but is dirty with mud, sweat, suffering, creativity, and the smells of mangroves. Through the records of the struggles, the ways of existing and resisting the artisanal fishermen of Itapissuma / PE, we contribute to the construction of a transgressive and non-colonial pedagogical history. In order to carry out this study, we mobilized the post-abysal methodologies of the epistemologies of South, which are characterized by three premises: i) to build knowledge to use in social struggles, linked to artisanal, hybrid, popular knowledge; ii) promote dialogue between artisanal knowledge and scientific knowledge; and iii) build a ecology of knowledges with the dialogue between these different knowledges (SANTOS, 2019b). This study included

participant observation and ethnographic interviews with a group of thirteen artisanal fishers from the fishing community of Itapissuma. From the collection and analysis of the compiled information, we sought to produce an original proposal for systematization in the unique way in which these people build strategies to fight capitalism, colonialism and patriarchy.

**KEYWORDS:** Artisanal Knowledge, social struggles, education

## 1 | INTRODUÇÃO

Os diferentes povos conservam um repertório de práticas culturais milenares que permitem viver, resistir e lutar contra as desigualdades, a opressão e a exclusão, a negação de direitos básicos, tais como: saúde, educação, segurança, alimentação, ameaça do território, advindas do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. A luta é uma “categoria histórica e social”, que muda de acordo com o tempo e espaço. Também está associada a alianças, que não significam ausência de enfrentamentos, mas, muitas vezes, acontecem para que os povos sobrevivam (FREIRE, 1992, p. 21).

Para (AGUILLAR, 2017, p. 546) a resistência é entendida não como a capacidade de aguentar as violações sistemáticas a que essas populações estão expostas, mas sim “[...] de construir con dignidad la vida. La rebeldía es no aceptar lo que nos imponen, tener esa necesidad y terquedad de seguir siendo lo que somos, de pensarnos como un tejido”. Para esses povos, resistir não é uma opção “resistir es como respirar: no podemos dejar de hacerlo porque morimos” (Idem, p. 548).

O exercício teórico, político, metodológico de valorização dos conhecimentos subalternos vão na contramão da produção de conhecimento pautados pela lógica do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado e inevitavelmente acabam contribuindo para a construção de investigações rebeldes, subversivas. Aqui entende-se subversão não como destruição “sino más bien reconstruirla según novedosas ideas y siguiendo determinados ideales o “utopias”, que no acoge la tradición” (FARFÁN; LÓPEZ, 2014, p. 49).

Essa subversão se constrói na coletividade, entrelaçado tanto com as lutas históricas do passado quanto com as lutas diárias pela proposição de um mundo mais justo, mais solidário que possa contribuir para a criação de outros mundos possíveis. Trata-se de epistemologias que nos desafiam a sair do lugar comum, a romper com a lógica acadêmica que separa o conhecimento de sua função social e, por isso, são teorias que nos deixam desconfortáveis, angustiados, que nos mostram nossas limitações diante de nossa formação colonial, mas que também favorecem redes de solidariedade que são capazes de mobilizar a produção de conhecimentos úteis às lutas dos diferentes grupos sociais que sofrem as injustiças do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

Nesse contexto de subversão, de rebeldia, de produção de um conhecimento robusto contextualizado, que valoriza o resgate da história dos povos que sofreram sistematicamente as injustiças do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado é que dialogamos com os conhecimentos ancestrais construídos pelos/as pescadores/as artesanais de Itapissuma.

## 2 | EXPERIÊNCIAS SUBALTERNAS DE RESISTÊNCIA

Itapissuma é uma cidade que faz parte do estado de Pernambuco, localizada na região nordeste do Brasil. No ano de 2018, a população de Itapissuma estava estimada em

26.397 pessoas (IBGE, 2018). Desse total, segundo informações da presidente da Colônia de Pescadores de Itapissuma, Joana Mousinho, 8.500 vivem da pesca artesanal.

Em Itapissuma/PE situa-se a segunda maior colônia de pescadores de Pernambuco, a colônia Z-10. A pesca artesanal é uma atividade econômica milenar que permitiu que grupos sociais sobrevivessem a escravidão (RAMALHO, 2006, p. 25) e que gera alimento e renda para milhares de famílias na contemporaneidade.

Ser pescador/a artesanal em Itapissuma se impõe muito mais que um trabalho ou um meio de subsistência informal. É uma atividade ancestral, um conhecimento transcendental, que tem cor, textura, cheiro de lama, que produz um conhecimento artesanal corporizado, corazonado, sentipensante (SANTOS, 2019b). Exige grade esforço físico, longos períodos dentro da lama, marca os corpos, impregna. Permite que grupos sociais lutem, resistam e sobrevivam à violência estrutural sistemática, às exclusões abissais e, conseqüentemente, aos sofrimentos abissais, infligidos aos diferentes povos, advindos do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado.

A pesca artesanal, nesse contexto, é intercalada com outras atividades econômicas e os povos, que vivem próximos aos rios, mesclam as estratégias de sobrevivência entre os trabalhos nas águas e manguezais com o trabalho agrícola (BORDA, 2002). São formas de resistir e sobreviver frente a exploração capitalista.

Resistências construídas com a criatividade e utopia que os constitui por natureza, não por opção, porque esta é a única forma que encontram para lutar contra a fome, a miséria, a objetificação, a morte. É preciso ludibriar a fome, morder a dor, soltar o grito entalado na garganta; gritos que comunicam sofrimento, mas que também acolhem, acordam, geram empatia.

Estão travando uma guerra diária, em busca de cidadania e dignidade, quando reclamam por transporte público, saneamento básico, segurança, farmácias, feiras ou educação como possibilidade de oferecer algo melhor aos seus descendentes: “tanto el dolor como la ira nos empodera y se convierte en inspiración, nuestras muertas son nuestras musas. Resignificamos la ira como una posibilidad creativa de resistencia y disidencia” (REINOSO, 2017, p. 539). Continuam resistindo através do manejo do solo, das águas, dos conhecimentos ancestrais de chás e ervas, do cultivo de alimentos; dos conhecimentos sobre as técnicas de construção, construindo a própria casa, a fossa; na solidariedade, na cooperação: “la reciprocidad, la complementariedad, la búsqueda del bien común, del buen vivir. Donde el bienestar colectivo y la gestión de la propiedad común se hacen con un sentido diferente al del capital” (BORDA, 2002, p. 60 -61). Trata-se de outras formas de viver, de estar no mundo, de se relacionar com o ambiente, de ocupar o território.

São as formas de lutar contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, de povos teimosos, rebeldes, que se recusam a se “envergar”, a se acomodar aos “becos” que lhes são oferecidos. Resistem, insistem e nos apresentam possibilidades de luta contra a exploração capitalista, colonialista e patriarcal, seja lutando dentro dos manguezais, no cultivo de alimentos, nas práticas de saúde, como lembra Borda (2002, p. 26): “los pobres de todas as partes, bien se sabe, son maestros em estas técnicas de supervivencia y de manejo del medio ambiente”, trata-se de lutas que mobilizam não só a parte cognitiva mas também as emoções, o mundo transcendente, uma luta “holística, artesanal e híbrida” (SANTOS, 2019b, p. 54). Um conhecimento herdado das gerações anteriores e que lhes

permitem sobreviver em condições adversas e à fome, a criar os filhos. Conhecimento que não foi construído através das instituições escolares, mas aprendido no cotidiano com as famílias na comunidade.

### 3 I CULTIVANDO ALIMENTOS, SEMEANDO ESPERANÇA

Concomitantemente a modernidade ocidental, que tem como premissa o conhecimento científico “escrito, rigoroso e monumental”<sup>1</sup> (SANTOS, 2019a, p. 90; SANTOS, 2018, p. 318), os diferentes povos desenvolvem uma diversidade de conhecimentos em seus contextos de vida “[...] na prática social que fazem parte. Sua fala, sua forma de contar, calcular, [...], sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo da sexualidade, da vida, da morte da força dos santos, dos conjuros” (FREIRE, 1992, p. 86). Conhecimentos acerca dos animais, das plantas, do manejo do solo, do uso da água, da construção civil, da agricultura... que Santos (2019a) chama de conhecimentos artesanais e Haverkort, Burgoa, Shankar e Millar (2013, p. 22) chamam de conhecimentos endógenos e que nem sempre estão marcados no texto escrito, mas estão presentes na oralidade, através dos testemunhos das pessoas, das músicas, no rito a São Gonçalo do Amarante, nas cicatrizes e dores dos/as pescadores/as artesanais de Itapissuma.

Lerma (2017), em seu trabalho sobre a pedagogia das mulheres negras afro colombianas, com destaque para as parteiras, nos recorda de que não é habitual reconhecermos os grupos marginalizados como detentores de conhecimentos pedagógicos. “La pedagogía suele remitirse a la escuela, a los procesos formales e informales dirigidos por quienes se han preparado para llevarlos a cabo de forma legítima” (LERMA, 2017, p. 275).

Os conhecimentos populares ou a “ciência popular”, assim os definem FARFÁN e LÓPEZ (2014) por não estarem enquadrados na racionalidade instrumental e na lógica capitalista-patriarcal-moderno/colonial, são rejeitados e impedidos de “articularse y expresarse em sus propios términos” (FARFÁN; LÓPEZ, 2014, p. 303). No entanto, os conhecimentos populares possuem outras formas de organização e nem sempre são aprendidos em um espaço formal, sendo função das investigações vivenciais, sentipensantes e situadas, corroborar com a valorização desses saberes enquanto epistemologias (Idem).

No entanto, ao longo da literatura, temos diversos exemplos de construção do conhecimento pedagógico que transcende aos espaços educativos formais e une o pedagógico às lutas de resistência dos diferentes povos contra “o sistema capitalista-patriarcal-moderno/ocidental - a la vez antropocéntrico y heteronormativo” (WALSH, 2017, p.30 ). Seja através da decolonialidade (WALSH, 2017), da memória coletiva (MARÍN, 2017), de “otras economías” (VALENCIA, 2017), através dos movimentos comunitários de mulheres negras (PERRY, 2017), através da pedagogia da escuta (VILLA & VILLA, 2017). Dessa forma,

lo pedagógico debe ser visto de forma más amplia, pues todas las comunidades enseñan y aprenden. Los procesos de enseñanza-aprendizaje son los que permiten la transmisión de valores culturales, pero también de

1. Esse conhecimento é considerado rigoroso porque fornece uma versão unívoca, a versão escrita presente no texto, e redigida numa dada língua que lhe fixa a matriz; é monumental porque, tal como os documentos, a escrita permanece e, por essa razão, distancia-se das práticas diárias (SANTOS, 2019, p. 90).

Por isso, essa pedagogia excede a compreensão reducionista eurocêntrica do conhecimento atrelado apenas aos sentidos da visão e audição. Aqui o conhecimento é construído no e com o corpo, segurando nos gaiterinhos para não cair, se esquivando dos cascos de ostra pelo chão para evitar acidentes no mangue, aprendendo a plantar para escapar da fome. O pedagógico aqui tem cor de terra, de lama, textura e cheiro de mangue.

O cultivo de alimentos na região, nesse contexto, permite que as famílias tenham acesso a comida mesmo que não disponham de dinheiro para comprá-la. Dessa forma, essa prática social é uma forma de resistência, de se manter vivo, de sobreviver a pobreza, não ser dizimado pela fome, pela miséria, não sucumbir as enfermidades do corpo e da alma. Como é um conhecimento ancestral, falar sobre o cultivo de alimentos é falar sobre a própria vida, é resgatar as memórias dos antepassados. Em um dos depoimentos dona Maria da Conceição traz esse conhecimento lá da infância, junto com as memórias que traz de seu pai: “[...] pai ele tinha que procurar o mato que era pra trabalhar. Pra prantar, pra gente ter barriga cheia. Prantava o feijão, maxixe, quiabo, jerimum, macaxeira, inhame, batata, feijão verde, inhame, tudo prantava no roçado. Aí a gente tinha a barriga cheia” (E2, Maria da Conceição). Em outro trecho ela traz o uso de PANCs (plantas alimentícias não convencionais) na alimentação como capeba<sup>2</sup>, açafraão<sup>3</sup>, folha de batata doce<sup>4</sup>, taioba<sup>5</sup>:

Dessa forma, as narrativas sobre os alimentos também são narrativas sobre a fome, sobre as práticas culturais, os valores, os saberes, as formas de resistência encontradas por esses povos para sobreviverem a exploração capitalista – patriarcal-moderno/colonial.

Em um dos depoimentos fornecidos, dona Maria da Conceição relata que estava com sérios problemas de saúde, ela morava só com o filho. Mesmo estando muito doente e precisando de internação hospitalar, ela temia que, na sua ausência, o seu filho passasse fome. Como estratégia para driblar o problema, ela, mesmo doente, juntamente com o filho, resolveu plantar milho: “[...] eu vou morrer, mas tu vai ficar comendo do milho. Aí ele começou a chorar. Aí foi ele atrás plantando e eu na frente cavando com uma foice” (E2, Maria da Conceição). Em outro trecho, ela narra o desfecho da história:

Aí fui mimbora bora pro hospital. Esse milho ficou cá. Esse milho nasceu, cresceu, eles comeram, quando eu cheguei do hospital que eu me operei que cheguei só tava só o tambuera lá, os pés lá tudo morto. Eu digo: ‘Comeram do milho?’ [...] disse: ‘Comi’ (E2, Maria da Conceição).

No que se refere ao cozimento dos alimentos, apesar de terem botijão de gás de cozinha, ainda continuam a utilizar o forno a lenha no preparo das refeições, um costume antigo muito presente nos depoimentos dos/as pescadores/as, como lembra dona Maria da

2. O nome científico é *Piper umbellatum* L. Tem sabor picante e intenso, podendo ser usada como condimento () (PANC na Escola, s.d, p. 20).

3. O nome científico é *Curcuma longa* L. Seca, triturada ou ralada fresca, é um corante amarelo muito forte e saboroso, usado para dar cor às carnes, molhos e ao arroz (p. 24).

4. O nome científico é *Ipomoea batatas* (L.) Lam. São consideradas alimentos funcionais, repletos de propriedades (PANC na Escola).

5. Cientificamente chamada de *Xanthosoma sagittifolium*., é uma planta que tem um importante valor nutritivo. Os rizomas são fontes de carotenoides, suas folhas são ricas fibras, cálcio, magnésio, vitaminas B2, B6 e vitamina C. Além de alimento, a Taioba também é utilizada na fitoterapia. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/388854256/e-book-20-pancs-para-plantar-na-horta-organica-imgrower-pdf>

Conceição: “Mãe ia buscar lenha assim na mata, meio mundo de lenha pra queimar. Aí eu ia mais mãe” (E2, Maria da Conceição).

A partir dos depoimentos, percebe-se que essa prática se repete não porque seja uma lembrança da infância, um saudosismo; se cozinha a lenha para economizar o gás nas “coisa de maré” (E4, Chiquinha) “[...] fazem um foguinho pra ajudar, pra cozinhar uma coisa de maré, pra não gastar tanto gás” (E4, Chiquinha) e sobretudo porque nem sempre o dinheiro que é arrecadado na pescaria supre essa necessidade<sup>6</sup>.

Além dos alimentos, nessa comunidade há uma forte tradição no cultivo e uso de plantas medicinais e fitoterápicos. Chiquinha, ao ser perguntada sobre os usos das plantas medicinais e de como sistematiza esse conhecimento, explica: “eu sei desde pequena. Desde que eu sou pequena que eu sei né?! Sabia não né?!, Aí eu sei da minha vó, da minha mãe...” (E4, Chiquinha).

Como podemos observar nos depoimentos anteriores, cuidar da saúde a partir da medicina ocidental nem sempre foi uma tarefa fácil, era preciso conseguir transporte, conseguir fichas para ser atendidos e nem sempre as orientações médicas conseguiam ser acatadas pelos/as pescadores/as. A não medicalização desses corpos também contribui para a rebeldia (SANTOS, 2019a), onde esses povos desafiam os papéis sociais de subalternidade, do não ser, do invisível imposto pela lógica capitalista, colonial e patriarcal, se aproximando das práticas de saúde de seus ancestrais, se rebelando para conseguir nascer com ajuda das parteiras que viviam na região. Chiquinha faz referência ao seu próprio nascimento: “é! Aí uma dessas era parteira né, que foi a que fez o parto da minha mãe, meu... que ela morava ali no... ali na descida do Japonês!” (E2, Chiquinha). Ao ser perguntada sobre o nascimento dos filhos, dona Ana explica que teve três filhos em casa e três filhos na cidade vizinha, já que em Itapissuma não tinha hospital: “eu tive filho normal, eu nunca tive filho cesária não. Meus filhos tudinho foi normal. Eu tive três filhos em casa, normal, e tive três em Igarassu, normal” (E2, Ana).

Junto com as parteiras, os depoimentos trazem as plantas medicinais, os fitoterápicos, a fé “[...] eu tô tomando os remédios, né. Se deus ver que eu mereço ficar bom, eu vou ficar. Eu creio que vou ficar. E também se deus ver que é pra ficar do jeito que eu tô, eu vou ficar, eu tenho que aceitar. Mas eu creio que vou ficar boa [...]” (E2, Ana), as benzedeiras “tem uma senhora ali pra baixo que ela ainda benze...” (E2, Chiquinha), de uma “farmacopéia multissecular” (PERROT, 2005, 218) que fortalecem a solidariedade e as relações de compadrio nesse grupo social. Dona Maria da Conceição, fala com orgulho de que o seu quintal já ajudou muita gente, como mostra o trecho do relato a seguir:

Pra fazer chá. Parece que ela só deu uma vez e o menino ficou bom. Com uns três dias eu vi ele, disse “tás bom, nego?”, “Tô bom, dona [...]. Graças a Deus”. Eu digo “oia, saiu da minha mão é bom. Saiu da minha mão é remédio”. Oxe, os povo me pede muito pra menino novinho [barulho de batidas e galo cacarejando], pra gente grande, pra tudo. É colônia, hortelã miúda... (E2, Maria da Conceição)

Esses quintais temperam: “não. Isso aí ele tem caroço. Aí a pessoa rela, bota no pilão, quando acabar, penera aí faz o colorau” (E2, Maria da Conceição); produzem lambedor, “bota para cozinhar, rela ela na peneira, assim, aí bota no fogo para cozinhar:

6. O gás de cozinha na região varia entre R\$ 60,00 e R\$ 95,00.

fica aquele mel bem grosso e toma [...]” (E2, Maria da Conceição). Esses conhecimentos aliviam as dores do corpo, as dores da alma, pois, “analisando de perto, esses remédios de mulher revelariam provavelmente um real saber sobre os sofrimentos do corpo” (PERROT, 2005, p. 218). Quintais que se transformam em farmácias vivas, com hortelã, boldo, folhas de acerola, limão biri biri, urtiga branca, erva doce<sup>7</sup>, açafraão, pitanga, romã, alcachofra, citronela, xambá, colônia, goiaba, que se transformam em chás: “aí quando eu vejo que tá assim me incomodando, aí eu pego, tomo um chazinho de urtiga branca, que é bom pra essa parte ginecológica” (E4, Chiquinha), lambedor: “aí ali atrás tinha um pé de acerola que tá assim de acerola. Aí eu fiz um lambedor, ele tá até aí na geladeira. Ai que eu fico tomando, foi que eu melhorei um pouquinho” (E4, Maria da Conceição), banho de assento, garrafada<sup>8</sup>.

Jerma (2017, p. 276) ao referir-se aos conhecimentos de plantas medicinais das populações das mulheres negras colombianas afirmava “la farmacéutica del bosque se aprendió de los indígenas, pero también de procesos de observación permanentes y de experimentación, aun cuando no se trata de una cultura letrada sino de tradición oral”. Uma prática social que está ligada a memória, a solidariedade, a sobrevivência e a supressão de direitos. Aprendizagem que acontece ainda na infância, se dá na prática, através da convivência e do exemplo de outras mulheres da comunidade, tanto conhecimentos ligados ao trabalho do cuidado quanto aos saberes ligados a “las plantas medicinales y aromáticas, a conocerlas, sembrarlas y sus usos curativos y alimenticios” (Idem, p. 277).

São lutas que se transformam em pedagogia. Walsh (2013, p. 28) defende que as lutas sociais também são espaços pedagógicos, trata-se de “pedagogias que incitam possibilidades de estar, ser, sentir, existir, hacer, pensar, mirar, escuchar y saber de modo, pedagogias enrumbadas hacia y ancladas em procesos y proyectos de carácter, horizonte e intento colonial”. Essa pedagogia não está fincada nos espaços escolarizados, mas nas “luchas sociales, políticas, ontológicas y epistémicas de liberación[...], são nesses espaços que esses povos, desenvolvem “pedagogias de aprendizaje, desaprendizaje, reaprendizaje, reflexión y acción” (Idem, p. 29). Para os/as pescadores/as, desde a infância se aprende a pescar o próprio alimento, a cuidar dos/as irmãos/as mais novos, ainda criança se aprende ajudar nas despesas da casa, se desaprende a ser criança, adolescente, com as inúmeras obrigações que lhe são infligidas na alma, no corpo.

Dessa forma, essas pedagogias nos lembram “una pedagogia de la alteridade, del vínculo y de la memoria, em suma, uma pedagogia del nos-otros” (VALENCIA, 2018, p. 136), que não são construídas exterior aos indivíduos mas dentro da vida dos/as pescadores/as, nas cicatrizes, na pele queimada do sol, na pele embebida de querosene, machucada pelos mosquitos, nas varizes das pernas: “los cuerpos que la modernidad occidental invisibilizó”, mas que também são “resistências políticas y poéticas, somos cuerpos empoderados” (REINOSO, 2017, p. 537), que lutam diariamente pelo combate a

7. O nome científico da erva doce é *pimpinella anisum*. É utilizada para tratar de questões intestinais e digestivas. Contribui para o equilíbrio hormonal (estrogênio), estimula a produção de leite e ajuda nos distúrbios menstruais. também é utilizada para gases, gastrite (origem nervosa) e enjoos.

8. As principais ervas encontradas na garrafada são: Unha de gato - uxi amarelo - amora - barbatimão - angico - Jatobá - Agoniada - mulungu - malva - anis estrelado - canela - maca peruana - tribulus terrestres e óleo de copaíba. As principais indicações são: Inflamações no útero, ovários e tubas uterinas, cisto no ovário, ferida no útero, corrimento, controla o sistema nervoso, insônia, depressão, menopausa, regula o fluxo vaginal, ciclo irregular ( <https://vivenciaaal-deia.org/práticas-indígenas-e-permacultura>).

desumanização e o direito a continuar existindo.

Trata-se de pedagogias que mobilizam não apenas as estratégias mentais, como conhecimento acerca das marés, dos tipos de espécies disponíveis, os locais mais propícios para pescar, mas também uma pedagogia onde o “caderno de anotações” é o próprio corpo, o corpo dos pescadores/as artesanais, o corpo de seus pais, de seus avós, o corpo que lembra a todo instante as possibilidades e o limite do “saber sensível pesqueiro”, como conceituado por Ramalho (2017, p. 168), onde “o sentir dos sentidos dos pescadores são lapidados pelo toque das vogas, do sol, da brisa, do som que brota do mar, da visão dos cardumes, na pesca e despesca, no manter-se em pé no barco [...]”. Nesse saber sensível pesqueiro, nessa cultura oral, a escuta é um elemento fundamental.

Villa & Villa (2017) fazem referência a uma “pedagogia da escuta”, a escuta que favorece a empatia entre diferentes gerações, que permite que as memórias ancestrais circulem e não sejam esquecidas pela coletividade, através desta escuta os povos podem elaborar/reelaborar espaços físicos e mentais.

Através dessa pedagogia da escuta, desses “conhecimentos artesanais” como são nomeados por Santos (2019b), esses povos constroem o seu mundo, utilizando as palavras de Freire “um mundo melhor, mais justo, mais justo, menos feio, mais substantivamente mais democrático” (FREIRE, 2000, p.17). Criam-se estratégias para sobreviver e construir trajetórias, ter uma vida digna dentro de uma sociedade indecente, dentro das violências sistemáticas da dominação moderna capitalista, colonial e patriarcal.

Os conhecimentos artesanais podem ser perpetuados e repassados através da memória coletiva, que permite a fabricação de narrativas insurgentes, teimosas. Quando, por exemplo, dona José Cavalcanti dizia que quem construiu Itapissuma foi o povo “a gente pegou fazemos Itapissuma a gente foi que fizemos Itapissuma!” (E2, José Cavalcanti), se criam condições para que os atores sociais compreendam a sua própria historicidade, que os ajude a compreender a sua própria história (MARÍN, 2018), através do resgate e valorização dessa memória, estamos valorizando a luta dos diferentes povos e combatendo a dominação colonial das escritas homogêneas dominantes (SANTOS, 2019b).

Para Federici (2017b) a ancestralidade e a memória coletiva fazem parte do mesmo tecido, estão ligadas aos movimentos de resistência. Por isso, que o capitalismo tenta extinguir as nossas memórias, separar o todo das partes, a disjunção homem natureza e a ênfase na individualidade: “tudo o que importa é o futuro, o progresso, o desenvolvimento” em detrimento da coletividade dessa forma vulnerabilizar os grupos sociais, “porque você só pode resistir se se sentir parte de um corpo maior que você, se conhecer as histórias de quem lutou antes” (FEDERICI, 2017a, n.p). Dessa forma, conservar a memória desses povos é favorecer a construção de trilhos decoloniais que contribuirá para a reconstrução da história desses povos que sofrem violências sistemáticas (LERMA, 2017, p. 288).

Através do reconhecimento dessas experiências sociais, desses “saberes emergentes, práticas emergentes” (SANTOS, 2004, p. 88), podemos desenvolver estratégias para “reconhecer e valorizar a narrativa dos esquecidos, a voz dos silenciados, a língua intraduzível, impronunciável” (SANTOS, 2018, p. 311), das lutas dos diferentes povos e de suas realidades, podemos aumentar a nossa compreensão do mundo a fim de contribuir para o fomento da esperança de outros mundos possíveis.

## 4 | CONCLUSÃO

Diante do foi exposto até aqui, defendemos que mesmo diante das violações sistemáticas, os diferentes grupos sociais constroem formas de sobreviver, de lutar contra as exclusões radicais, a violência, o feminicídio, ainda que com os olhos inundados de lágrimas insubmissas<sup>9</sup>, como dizia Maria da Conceição: “é um povo que faz festa mas se for mordido belisca”. Por isso, no exercício teórico-político-epistemológico dessa escrita, não trata-se de dar voz aos pescadores/as artesanais de Itapissuma, mas desenvolver um “ouvido ferido para o grito do outro, para suas lamúrias, ladainhas e compactuar com a sua dor”, como dizia o escritor Marcelino Freire.

Esperançosos, lutamos para que essa escrita provoque desejo de escuta, que através dela esses povos também estejam contribuindo para honrar seus ancestrais e construir uma história não capitalista, não colonial, não patriarcal. Que esse conhecimento seja semente de outros mundos possíveis, de outras escritas híbridas, de feitura de ciência insurgente e rigorosa. Apesar desse discurso soar utópico, para alguns um caráter irreal e inaplicável, andamos de mãos dadas com a esperança porque somos esperançosos, ainda que a esperança soe uma palavra estranha em meio as exclusões abissais históricas e cotidianas, sem ela estaríamos sucumbidos a repetição e a acreditar na cantilena que “que intentan bloquear la imaginación emancipatoria y desacreditar la lucha por las alternativas” (SANTOS, 2019, p.13), de que não existem saídas, que não adianta lutar. Parafraseando Marcelino Freire “não sou eu quem está pedindo é o mundo que necessita cada vez mais de esperança, esperança, esperança”.

## REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Valiana. Entretejiéndonos por la vida en resistencia y rebeldía. In: Walsh, C. (Ed.). **Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo II)**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 545 - 548. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/385.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- BORDA, O. F. **Resistencia en El San Jorge**. Bogotá: El Áncora Editores, 2002.
- FARFÁN, N; LÓPEZ, L. (Comps). **Ciencia, compromiso y cambio social. Textos de Orlando Fals Borda**. Buenos Aires: El Colectivo -Lanzas Y Letras- Extensión Libros, 2014. Disponível em: [http://www.extension.udelar.edu.uy/wpcontent/uploads/2016/12/08\\_Ciencia\\_Compromiso\\_y\\_Cambio\\_Social-Fals\\_Borda.pdf](http://www.extension.udelar.edu.uy/wpcontent/uploads/2016/12/08_Ciencia_Compromiso_y_Cambio_Social-Fals_Borda.pdf). Acesso em: 01 fev. 2019.
- FEDERICI, S. O capitalismo tenta destruir nossas memórias. Entrevistada por B. Santana. **Revista Cult**, 2017a. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/silvia-federici-o-capitalismo-tenta-destruir-memorias/>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- FEDERECI, S. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- Freire, P. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

---

9. Parafraseando o título do livro “lágrimas insubmissas” de Conceição Evaristo.

Haverkort, B; Burgoa, D; Shankar, D; Millar, D. **Hacia el diálogo intercientífico. Construyendo desde la pluralidad de visiones de mundo, valores y métodos en diferentes comunidades de conocimiento.** Agruco: Plural Editores, 2013. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/Bolivia/agruco/20170927041822/pdf\\_226.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/Bolivia/agruco/20170927041822/pdf_226.pdf). Acesso em: 05 ago. 2017.

IBGE. Instituto brasileiro de geografia e estatística. Itapissuma. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/itapissuma/panorama>. Acesso em: 02 fev. 2019.

LERMA, B. Pedagogías para la vida, la alegría y la re-existencia: Pedagogías de mujeres negras que curan y vinculan. In: WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo II).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 273 - 290. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/385.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

MARÍN, P. Memoria Colectiva: hacia un proyecto decolonial. In: WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo I).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 69 - 103. Disponível em: <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Catherine%20Walsh%20-%20Pedagogías%20Decoloniales.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

PERRY, K. Hacia una Pedagogía Feminista Negra en Brasil: conocimientos de las Mujeres Negras en los Movimientos Comunitarios. In: WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo I).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 255 - 273. Disponível em: <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Catherine%20Walsh%20-%20Pedagogías%20Decoloniales.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

RAMALHO, C. **Ah, esse povo do mar! Um estudo sobre trabalho e pertencimento na pesca artesanal pernambucana.** Campinas: Editora Polis Ltda, 2006.

RAMALHO, C. O mar na terra e a terra no mar: o encontro das oficinas pesqueiras. **Vivencia: revista de antropologia.** v1, nº 47, 215-238, UFRN/DAN/PPGAS, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/12804/8803>. Acesso em 19 jul. 2019.

REINOSO, A. Somos cuerpo. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo II).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 537 - 542. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/385.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SANTOS, B. S. **Educación para otro mundo posible.** Buenos Aires: CLACSO, 2019a.

SANTOS, B. S. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.

SANTOS, B. S. **Construindo as epistemologias do Sul: para um pensamento alternativo de alternativos.** Antologia esencial V1. Buenos Aires: CLACSO, 2018. Disponível em: [https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/81474/1/Construindo%20as%20Epistemologias%20do%20Sul\\_Vol%201.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/81474/1/Construindo%20as%20Epistemologias%20do%20Sul_Vol%201.pdf). Acesso em 05 ago. 2019.

SANTOS, B. S. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial. E para além de um e outro.** VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências sociais. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

VALENCIA, O. Economía, Ecosimias y Perspectivas Decoloniales Elementos sobre visiones y prácticas de diferencia económico/cultural. In: WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo I).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 105 - 143. Disponível em: <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Catherine%20Walsh%20-%20Pedagogías%20Decoloniales.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

VILLA, W., VILLA, E. Donde llega uno, llegan dos, llegan tres y llegan todos. El sentido de la pedagogización de la escucha en las comunidades negras de Caribe Seco colombiano. In: WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo I).** Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 105 - 143. Disponível em: <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Catherine%20Walsh%20-%20Pedagogías%20Decoloniales.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

WALSH, C. (Ed.) **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo I)**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017a. Disponível em: <http://www.reduii.org/cii/sites/default/files/field/doc/Catherine%20Walsh%20-%20Pedagogías%20Decoloniales.pdf>. Acesso em 10 jan. 2019.

WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir (Tomo II)**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. p. 273 - 290. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/385.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

## ÍNDICE

### A

Aluno 19, 20, 22, 23, 25, 77, 92

Antropologia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 68, 112

### B

Bem-Estar Docente 28, 29

### C

Comunidade 14, 16, 17, 18, 39, 43, 46, 72, 73, 90, 91, 94, 103, 106, 108, 109, 122, 125, 127, 128

Conhecimentos Artesanais 103, 106, 110

Conselho 13, 18, 67, 89, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Conselho Escolar 13, 14, 15, 16, 17, 18

Currículo 65, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 114, 115, 118, 120

### D

Dança 48, 49, 50, 51, 52, 53

### E

Educação 13, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 39, 45, 46, 47, 51, 52, 53, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 94, 95, 96, 102, 103, 104, 105, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134

Ensino Formal/Informal 48

Epistemologia Política 114, 115

Escola 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 25, 26, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 42, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 77, 78, 84, 86, 87, 92, 93, 94, 107, 131, 132

Estado do Conhecimento 28, 29, 38

Estágio Supervisionado 13, 17, 18

### F

Feminismo 54, 55, 60, 61, 63, 64

Filosofia 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 54, 55

Formação Continuada 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27

Formação Docente 34, 65, 75

### G

Gênero 46, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 62, 64, 66, 71, 124

Gestão Democrática 13, 14, 15, 16, 17, 18

### I

Imaginação 97, 98, 99, 100, 101, 102

Infância 25, 97, 98, 101, 102, 107, 108, 109

## **L**

Lei 10.639/2003 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75

Leitura 52, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 91, 92, 95, 98

Lutas 62, 66, 103, 104, 106, 109, 110, 124, 128, 129, 130, 132

## **M**

Mal-Estar Docente 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37

Memória 48, 49, 50, 52, 53, 74, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 100, 106, 109, 110, 123

Movimentos Sociais Negros 122

Mulheres 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 106, 109, 111

Museu 29, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

## **N**

Neuropsicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **O**

Objeto Museal 86, 91, 92, 93

## **P**

Participação Social 122, 124

Pedagogia 18, 19, 20, 22, 23, 24, 39, 42, 45, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 75, 77, 91, 95, 97, 103, 106, 107, 109, 110, 112

Pesquisa 15, 17, 18, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 79, 82, 83, 84, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 103, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 126, 129, 131, 132

Políticas Educacionais 114, 115, 116, 117, 119, 120

Professor 20, 22, 24, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 66, 69, 77, 87, 95, 102, 115, 118, 119, 120

Projeto de Intervenção 13, 15, 17

Psicopedagogia 19, 20, 22, 23, 24, 25, 27

## **Q**

Quilombolas 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

## **R**

Representações Sociais 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85

## **S**

Sexismo 54

Stephen J. Ball 114, 115, 116, 120, 121

## T

Teoria Histórico-Cultural 97, 98, 102

Trabalho Docente 28, 30, 31, 38

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# SABERES TRADICIONAIS E CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS NAS CIÊNCIAS HUMANAS

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 